



O ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DA CINEMATOGRAFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

Teaching philosophy through cinematography in the new Brazilian high school curriculum

Andreia de Brito Araújo¹

RESUMO

Neste trabalho, trataremos primeiramente sobre o ensino de filosofia no novo ensino médio. Iremos abordar algumas das competências e habilidades presentes na nova BNCC e apontar como elas apresentam um cunho filosófico. Além disto, falaremos também um pouco sobre as novas metodologias, principalmente com uma abordagem da perspectiva de Silvio Gallo, e pensaremos novas maneiras de adotar estas metodologias dentro do ensino de filosofia do novo ensino médio a partir da perspectiva do uso da cinematografia no ensino de Filosofia. O objetivo deste trabalho é propor um ensino de filosofia através da cinematografia. Após análises feitas sobre o novo ensino médio e levando em conta a nova BNCC, refletimos sobre a relação entre cinema e filosofia, apresentando como e quais pensadores já a reconheceram, dando um maior enfoque no pensamento de Julio Cabrera e em sua perspectiva sobre como se fazer filosofia através do cinema. Pensamos também em como a filosofia, desde o início de sua história, usou recursos imagéticos para a apresentação e representação de teorias e conceitos importantes dentro do pensamento filosófico. Tampouco o uso de filmes no ensino é novidade. Porém, aqui pretendemos explorar o uso da cinematografia no que se refere ao ensino de filosofia, previsto dentro da nova base.

Palavras-chaves: cinematografia; filosofia; ensino; metodologia.

ABSTRACT

In this work, we will first deal with the teaching of philosophy in the new high school. We will present some of the skills and abilities present in the new BNCC and point out how they have a philosophical nature. In addition, we will also talk a little about the new methodologies, mainly from the perspective of Silvio Gallo, and we will think of new ways to adopt these methodologies within the teaching of philosophy of the new high school from the perspective of the use of cinematography in the teaching of Philosophy. The objective of this work is to propose a teaching of philosophy through cinematography. After analyzing the new high school and taking into account the new BNCC, we reflect on the relationship between cinema and philosophy, presenting how and which thinkers have already recognized it, giving a greater focus on Julio Cabrera's thinking and his perspective on how to make philosophy through cinema. We also think about how philosophy, from the beginning of its history, used imagery resources for the presentation and representation of important theories and concepts within philosophical thought. Nor is the use of films in teaching new. However, here we intend to explore the use of cinematography with regard to the teaching of philosophy, foreseen within the new base.

Keywords: cinematography; philosophy; teaching; methodology.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2022). E-mail: andreiabdabda@gmail.com



Introdução

Quando se trata de Filosofia, é comum pensarmos em bibliotecas cheias de empoeirados e pesados livros, pensar nos gregos, nos vinhos e nos filósofos que morreram há muito tempo. Para muitos, alunos do ensino médio, pessoas de fora da academia e até pessoas de dentro da mesma, a filosofia sempre remete ao antigo e ao difícil de compreender, e em parte, isso está certo. A Filosofia remete a isso, pois é sua característica primária. Contudo, no que se refere ao seu ensino nos dias de hoje, a Filosofia pode ser muito mais que isso. Com o avanço tecnológico, novos recursos se mostram favoráveis no Ensino de uma forma geral, inclusive no ensino de Filosofia nas escolas. Um desses recursos e um grande aliado, principalmente para a Filosofia, é o cinema e o universo cinematográfico. Por proporcionar um aspecto visual e direto, as obras cinematográficas (como filmes e séries) podem provocar uma imersão do aluno no tema a ser estudado de uma forma muito mais rápida e efetiva do que talvez somente a partir do livro didático e da leitura. Filmes e séries são elementos de grande impacto cultural dentro do entretenimento. A familiaridade que os alunos podem ter com este tipo de obra pode ser muito proveitosa para o ensino de filosofia atualmente. Mostrar para o aluno que aquela série ou aquele filme que ele usa para seu entretenimento contém aspectos filosóficos, e que uma discussão filosófica pode ser feita a partir disso, mostra que a filosofia e seus mais diversos debates estão presentes em espaços que ele antes não imaginaria.

É no Ensino Médio que o aluno tem contato pela primeira vez com a Filosofia e sua prática. Pensando neste sentido, é importante que o professor busque formas de abordar a prática filosófica de acordo com a realidade do aluno, para que ele consiga entender e praticar a filosofia de uma maneira mais próxima de seus interesses. A popularidade de séries e filmes nos serviços de *streaming* mostra o quanto os adolescentes e jovens-adultos, que tem acesso a este tipo de serviço, gostam e se interessam por esse ramo do entretenimento, ramo este que possui obras que poderiam ser estudadas e usadas no fazer filosófico em sala de aula. Fazer o aluno perceber o cunho filosófico existente dentro desse tipo de obra é mostrar o quanto a Filosofia pode ser muito mais que o pensamento erudito e abstrato. Além de que, mostra ao aluno que é possível acessar a Filosofia a partir da própria realidade e interesses dele. É pensando nisto que este trabalho propõe, com base no novo Ensino Médio e nos métodos didáticos que aqui serão debatidos, um ensino de Filosofia através da cinematografia. A questão central deste trabalho é justamente a de mostrar como essa proposta pode se efetivar no novo ensino médio previsto pela nova BNCC, ao mesmo tempo que apresenta métodos didáticos que podem ser utilizados para a efetivação da proposta. Com isto, iniciaremos aqui uma discussão acerca do novo Ensino médio e como a nossa proposta se encaixa nele.



O novo Ensino Médio e a metodologia de Silvio Gallo

O ensino médio brasileiro atual sofreu mais uma reforma. Assim como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as antigas disciplinas agora passaram a ser organizadas por áreas do conhecimento. Ensinadas a partir de um ensino interdisciplinar, são previstos 40% de componentes opcionais. As disciplinas se veem integradas nas áreas de conhecimento das quais se aproximam e se dividem em: *Linguagens e suas Tecnologias* (Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física); *Matemática e suas Tecnologias* (Matemática); *Ciências da Natureza e suas Tecnologias* (Biologia, Química e Física) e *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Essa reforma aconteceu com o intuito e a necessidade de tornar o ensino mais flexível. Ao se propor uma porcentagem da grade curricular como opcional, é esperado que o ensino se torne mais maleável e de fácil acesso, ao mesmo tempo que se mostre eficaz no ensino básico e na preparação para o ingresso na universidade. Segundo Juliana Morales (2022),²

[...] surge a proposta de tirar de cena um modelo único e carregado de disciplinas obrigatórias para implementar um modelo de ensino mais flexível, estruturado em três grandes frentes: a garantia de direitos de aprendizagem comuns a todos os jovens definidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); o desenvolvimento de um projeto de vida por meio de itinerários formativos; e a valorização da aprendizagem, com a ampliação da carga horária de estudos.

O foco de nossa discussão recai especificamente sobre a área em que a Filosofia se vê inserida. Hoje, o ensino de filosofia no Ensino Médio se encontra integrado à área de conhecimento composta por História, Geografia e Sociologia, a “A área de ciências humanas e sociais aplicadas”. Com a reforma do Ensino Médio e uma nova BNCC em vigor, o ensino de filosofia entra mais uma vez (levando em conta todos os altos e baixos pelos quais já passou e todas as mudanças que ocorreram ao longo do tempo) em turbulência no meio educacional. Dentro do campo educacional, desde quando foi inserida na escola, a filosofia passou por vários níveis. De acordo com Leandro Sardeiro e Adriana Lopes (2019, p. 17),³

[...] O problema é que, entre 1996 e 2017, seu objeto de ensino – a filosofia – passou por alguns estágios diferentes: de um “conhecimento necessário para a cidadania”, atingiu o patamar de disciplina obrigatória e retornou para o ponto

² MORALES, Juliana. *Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios*. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/> último acesso em (12/07/2022)

³ SARDEIRO, L. A.; LOPES, A. A. L. “Filosofia ou História da Filosofia? Sobre a tarefa de um professor. In: ALMEIDA, A. C.S; FERRASA, I. A. C; SARDEIRO, L. A. (org.). *Laboratório do Ensino de Filosofia: ressignificando práticas*. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2021. p. 13-26.



inicial, ou seja, pensada como conteúdo e não como disciplina – trabalhado em um contexto almejado pela *transdisciplinaridade*.

No que diz respeito a sua característica disciplinar atual, consideraremos “onde” e “como” a filosofia se encontra dentro da BNCC, suas habilidades e competências e, principalmente, como trabalhar e ampliar sua forma metodológica e prática de ensino. Uma questão que não podemos deixar de compreender é o fato de a Filosofia se encontrar no meio de um ensino interdisciplinar. Há uma interdisciplinaridade entre os conteúdos que pertencem à mesma área de conhecimento, desde os seus aspectos mais básicos: o livro didático, por exemplo, pertence à área do conhecimento e deve ser explorado pelos professores das quatro áreas de ensino, organizando-se entre si para encontrar como fazer melhor uso dele.

Segundo a BNCC, essa área do conhecimento tem como objetivo propor a ampliação e aprofundamento daqueles aprendizados desenvolvidos no ensino fundamental. Contudo, no que se refere à Filosofia, ela só é introduzida na Educação básica a partir do ensino médio. Enquanto conhecimentos como História e Geografia possuem um ensino contínuo desde o início da vida escolar do estudante, a Filosofia e Sociologia entram somente agora, como novas acompanhantes para esse aprofundamento. De acordo com uma das habilidades propostas na área de conhecimento em que a Filosofia se encontra, a BNCC diz que o aluno do ensino médio possui uma maior capacidade cognitiva e, com isso, é importante e necessário que:

[...] os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018, p. 562)⁴

Podemos notar então a presença e uma preocupação com certas questões que permeiam o âmbito filosófico no seio das habilidades desta área. Ao falar em elaboração de hipóteses, investigação científica e afastamento de verdades absolutas, fica claro o teor filosófico dentro da base curricular da área à qual a Filosofia pertence. Outra competência irá tratar sobre a questão da importância do debate, outra atividade que é essencial do “fazer filosofia”, o que demonstra mais uma vez um certo teor filosófico dentro da previsão proposta pela BNCC: “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)



responsabilidade.” (BRASIL, 2018, p. 570)⁵.

Essa área em que a Filosofia se encontra inserida na BNCC conta com competências e habilidades de cunho bastante filosóficos, o que já foi inclusive discutido e evidenciado. O GT “filosofar e ensinar a filosofar” da ANPOF, em seu texto “Sem filosofia não tem base”, vai tratar dessa questão, fazendo um mapeamento e análise do cunho filosófico da BNCC. Segundo eles,

[...] a terceira versão da BNCC causou perplexidade e desencanto por se perceber a diluição da Filosofia na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a perda de sua especificidade, um olhar crítico lançado aos documentos mostra que é possível e necessário dar visibilidade aos elementos de Filosofia que ali permaneceram. [...] percebeu-se que era possível encontrar os conteúdos (conceitos, ideias, problemas) filosóficos no emaranhado de competências gerais e competências da área. (ANPOF, 2021, p. 2).⁶

Podemos ver que uma parte da comunidade filosófica brasileira percebeu e chamou a atenção para a presença da filosofia dentro da BNCC e que é importante nos aprofundarmos nisso. A ANPOF é a Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Ela surgiu com o intuito de promover e defender a integração e os interesses da área de Pós-graduação em Filosofia a fim de estimular o interesse pela investigação filosófica no Brasil. Além de que, promove encontros regulares entre os pesquisadores das temáticas filosóficas. A sua demonstração e preocupação com o desenvolvimento do teor filosófico da BNCC atualmente nos evidencia mais uma vez a necessidade de se pensar sobre como “fazer Filosofia” em sala de aula.

Foi a partir deste ponto que pensamos em como abordar e apresentar a Filosofia dentro da sala de aula. Com a proposta de um novo formato de currículo, dividido por áreas do conhecimento, o modo de apresentar e ministrar aulas se tornou mais livre, no que se refere a forma de apresentar e debater assuntos e conteúdos filosóficos. Essa liberdade pode se mostrar favorável para pensarmos novas e modernas metodologias de ensino, sem descuidar de muitas das coisas que já foram apresentadas e problematizadas pelos diversos estudiosos sobre o “Ensino de Filosofia” no Brasil.

Uma grande referência para o estudo e pesquisa sobre metodologias no ensino de filosofia é Silvio Gallo. Esse filósofo e pedagogo propõe um método didático capaz de direcionar uma nova metodologia para o Ensino de Filosofia. De acordo com o autor, o seu método consiste em quatro

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)

⁶ ANPOF. GT Filosofar e Ensinar a Filosofar. *Sem filosofia não tem base*. [https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf) último acesso em (26/05/2022.)



momentos a serem utilizados em sala de aula: *sensibilização, problematização, investigação e conceituação*. O primeiro momento, o da sensibilização, se refere a introdução ao tema que vai ser tratado. É o primeiro contato pessoal e direto que o aluno vai ter com a temática. A segunda etapa é a de problematização. Nesta etapa, o aluno, já familiarizado com o tema, passa a problematizar o tema proposto; é o momento de o aluno começar a sua própria experiência filosófica, problematizando; o terceiro instante, o da investigação, é a parte da pesquisa e do aprofundamento do tema já problematizado; é o momento de se usar ferramentas que irão auxiliar no aprofundamento do problema, com pontos de vistas de diferentes filósofos para um mesmo tema e se valendo de uma leitura de História da Filosofia. O último passo é o de conceituação. Neste, o aluno já se familiarizou, problematizou e investigou o tema. Ele agora consegue pensar filosoficamente e pode conceituar aspectos a partir de sua própria experiência de pensamento filosófico. A etapa de maior interesse para a nossa discussão e proposta é aquela da sensibilização. Segundo Gallo:

[...] Sensibilização: Trata-se, nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema "afete" os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas, e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos. Para que eles possam fazer o movimento do conceito, é preciso que o problema seja vivido como um problema para eles. Daí a necessidade da sensibilização. Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, "sintam na pele", um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Trata-se de fazer com que os estudantes incorporem o problema, para que possam vir a criar um conceito incorporal. (GALLO, 2012, p. 96)⁷

Gallo nos mostra um método didático que vai ajudar na “inserção” do aluno no problema filosófico que será debatido em sala de aula. A sensibilização consiste justamente nessa “inserção” do aluno no tema. Ele precisa ser afetado pelo tema. Precisa identificar a questão como algo real, vívido, claro e direto. A etapa da sensibilização se mostra indispensável para a nossa discussão, visto que abarca justamente o ponto inicial e introdutório para a proposta de ensino a qual iremos debater adiante. Nesse mesmo contexto, o autor chama a atenção para o uso dos materiais culturais que estão disponíveis na nossa atualidade e que podem auxiliar na construção desse processo. Os recursos culturais propostos pelo autor e disponíveis para a efetivação dessa sensibilização são:

[...] uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme; ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos.... Em suma, algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e que desperte

⁷ GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012, p. 96.



seu interesse por um determinado problema (GALLO, 2012, p. 96).⁸

Explorando esse método didático, levando em conta todos os seus pressupostos e nos aprofundando na proposta da etapa de sensibilização, apresentaremos o uso do meio cinematográfico para o ensino de Filosofia. Visto que o Ensino Médio talvez seja a única oportunidade de contato com a Filosofia que o aluno irá ter, faz-se necessário o uso e a implementação de novas metodologias no que se refere ao seu ensino. A Filosofia é uma das áreas do conhecimento para as quais talvez seja mais importante e necessário se fazer uso de novas formas de abordar seus temas, visto que ela pode ser encontrada em diversos elementos da atualidade. O que Silvio Gallo propõe nos ajuda a pensar como aprimorar e tornar o ensino de filosofia mais acessível e claro. Contudo, é importante chamarmos a atenção ao fato de que, o que pretendemos propor, não seria somente fazer uso dessa etapa de um modo instrumental ou introdutório, mas sim fazer da etapa da sensibilização uma prática formal e necessária recorrente dentro do ensino de filosofia.

Visto que o próprio livro didático (principal instrumento usado para aplicação de conteúdo) se encontra “diluído” e dividido por áreas do conhecimento, sem mais uma organização por disciplinas, talvez seja possível o desenvolvimento de projetos. E isso, partindo da própria proposta da nova BNCC. A Escola começa a se transformar em um espaço aberto de discussão e amadurecimento. Podemos pensar na proposição de aulas combinadas e compartilhadas por dois ou mais professores da mesma área de conhecimento, levando em conta a disponibilidade e rotina escolar dos mesmos, para a aplicação de obras cinematográficas escolhidas e estudadas previamente pelos professores. Elas poderiam abarcar diversas temáticas. Um mesmo filme ou série poderia envolver temáticas da Filosofia e da História, por exemplo. Caberia aí uma pesquisa, debate e levantamento cinematográfico em conjunto, por parte dos professores, sobre quais obras usarem e em qual momento intervirem para a efetivação da metodologia proposta. No âmbito da Filosofia, essa utilização seria muito natural, pois que a utilização de uma construção “imagética” das teorias sempre foi uma constante. Poderíamos escolher mais de um caso para discutir e mostrar como isso acontece, mas o melhor de todos os exemplos pode ser visto no modo como Platão utilizou os “mitos” para explicar as suas teorias.

O mito e a cinematografia

Não é novidade o uso de recursos além dos teóricos para apresentar uma filosofia ou teorias

⁸ GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012, p. 96.



filosóficas. Em um primeiro momento, o uso da cinematografia para o ensino de Filosofia pode parecer equivocado e um tanto quanto longe da realidade acerca do que se é e como se faz Filosofia, visto que, para muitos, ela está sempre ligada à leitura e à escrita, com uma prática voltada principalmente para a atividade de reflexão somente a partir de longos textos e ensaios. Platão, uma das primeiras referências filosóficas para qualquer um que procure estudar Filosofia, apresenta diversas vezes um método não teórico ou literário para esclarecer as suas ideias filosóficas: o mito.

O mito tem uma grande importância e impacto na Filosofia desde seu nascimento. O berço da Filosofia Ocidental, a Grécia antiga, fazia uso dos mitos na “paideia” (educação) dos atenienses. Platão faz uso deste recurso imagético para apresentar, dentre outras coisas, a sua compreensão sobre esclarecimento, “mundo sensível” e “mundo das ideias”. Em seu famoso “mito da caverna”, por exemplo, Platão vai fazer uso de uma situação hipotética, através de uma figuração, para pôr sua teoria filosófica em evidência. Segundo Christopher Falzon,

[...] Com este mito, o próprio Platão faz uso de uma vivida imagem para ilustrar sua própria posição filosófica, para transmitir um sentido do que ele quer dizer. A imagem que Platão está usando não é uma ilusão ou mera aparência que devemos desviar os olhos para começar a se fazer filosofia. Pelo contrário, está desempenhando um papel positivo em seu discurso filosófico, com uma ilustração ou iluminação de sua posição; e, portanto, serve como caminho para a compreensão de seu pensamento filosófico. (FALZON, 2002, p. 4, tradução nossa).⁹

O mito consiste em uma situação imagética. Platão descreve uma caverna onde prisioneiros vivem desde seu nascimento, acorrentados. Vendo somente sombras produzidas pelo fogo que se encontra dentro da caverna, o mundo exterior como conhecemos é desconhecido para eles. Como se encontram acorrentados e de costas para a entrada da caverna, os homens só conseguem ver sombras do mundo que existe fora; estas sombras são tudo o que os homens entendem de mundo. Se, caso algum destes homens conseguisse se libertar das correntes, provavelmente precisaria fazer muito esforço para conseguir enxergar bem devido a grande claridade da luz do sol. O mundo desconhecido que ele iria passar a conhecer talvez provocasse nele um grande desconforto e pânico, talvez ele preferisse continuar no conforto do mundo que ele já conhece: a caverna. O mito da caverna é uma metáfora que acaba sintetizando o pensamento e a teoria das Ideias de Platão.

Quando fala em seu mito da caverna sobre sombras, Platão estaria se referindo justamente à realidade sensível em que vivemos. Esta é uma realidade de aparências e muitas vezes de enganação. A mesma caverna em que os homens vivem seria a realidade sensível em que vivemos. Quando um consegue se libertar das correntes, sair com muito esforço de dentro da caverna e se

⁹ FALZON, Christopher. *Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy*. [S.l.]: Routledge, 2002.



vê cego pela luz do mundo exterior, esse homem estaria se libertando da realidade sensível e alcançando a realidade ideal, o “mundo das ideias”. Neste sentido, a nova luz que o deixa encandeado seria o conhecimento verdadeiro que agora conheceria. Para Platão, este então seria o papel do filósofo: sair do “mundo das sombras” em busca do conhecimento verdadeiro.

O mito da caverna é um dos mais conhecidos e comentados exemplos que temos do uso de recurso imagético na Filosofia. Porém, grandes pensadores ao longo da história da filosofia também fizeram uso deste recurso dentro de várias áreas do conhecimento filosófico. Christopher Falzon também aborda esta perspectiva. Segundo ele:

[...] O uso de imagens para ilustrar pontos e posições filosóficas deste tipo não é especificamente de Platão. Apesar da persistente tendência platônica de depreciar a imagem nos seus pronunciamentos “oficiais”, filósofos sempre recorreram a uma infinidade de visões impressionantes e vívidas para ilustrar ou esclarecer suas posições, para formular um problema ou para fornecer alguma base para discussões. A filosofia é cheia de estranhas e maravilhosas imagens e invenções deste tipo. [...] (FALZON, 2002, p. 4, tradução nossa¹⁰).

Toda essa situação hipotética e imagética proposta por Platão no mito da caverna pode ser compreendida de diversas maneiras. Uma delas, por exemplo, é comparar este processo desconfortável de saída da caverna com o processo de busca pelo conhecimento. Estamos presos às correntes de nossos preconceitos e todos vivemos em nosso mundo de conforto, em nossa caverna criada por aquilo que já conhecemos. Ou seja, a situação imagética e alegórica neste caso permite a reflexão e análise do próprio indivíduo sobre si mesmo no que se refere a sua busca por conhecimento. E que relação podemos fazer entre a utilização platônica do mito e as discussões atuais a respeito do Ensino de Filosofia? Ao pedir que imaginemos uma caverna com vários detalhes, como sombras e fogo, correntes e homens, poderíamos dizer que Platão estaria fazendo uso da chamada “sensibilização” que Sílvio Gallo nos apresenta, por exemplo. É interessante pensarmos esta questão. Mais de dois mil anos atrás, uma metodologia já estava sendo “aplicada”, através de um recurso que ia para além de uma simples leitura. No decorrer de *A república*, é recorrente o uso dessas figurações de situações hipotéticas para enfatizar teorias filosóficas propostas. Com isso, pode-se notar que, mesmo antes da existência do universo cinematográfico e audiovisual como o conhecemos, a filosofia já era compartilhada, apresentada e debatida de maneiras que estavam para além do textual e teórico. Está na hora de utilizarmos essas questões a nosso favor.

¹⁰ FALZON, Christopher. *Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy*. [S.l.]: Routledge, 2002.



A relação entre Filosofia e Cinematografia

Com isto, podemos então pensar em como a filosofia poderia se utilizar de algo parecido com o mito platônico: a cinematografia. O uso de filmes dentro do campo de ensino já é algo familiar. No ensino de filosofia também é comum. Os próprios livros didáticos costumam fazer indicações de filmes que podem ajudar para a apresentação ou fixação de algum conteúdo. Porém, pensamos aqui em como os filmes e a cinematografia em si se aproximam da prática filosófica. O filósofo francês Gilles Deleuze vai ser um dos autores a tratar desta aproximação entre filosofia e cinema. Deleuze vai falar sobre a “Filosofia indo ao encontro da não-filosofia” e o cinema vai ser uma dessas “não-filosofias” estudadas por ele, assim como a arte de um modo geral. Segundo Robert Stam, Deleuze pensava que:

[...] o cinema é em si um instrumento filosófico, um gerador de conceitos que traduz o pensamento em termos áudio-visuais, não em linguagem, mas em blocos de movimento e duração. A visão deleuziana rejeita a visão tradicional de que o cinema, ao contrário da literatura e da filosofia, não era “capaz de pensamento”. Deleuze trabalha com os conceitos que o cinema em si dá origem. No cinema o pensamento em movimento encontra a imagem em movimento. (STAM, 2006, p. 25).¹¹

O pensamento de Deleuze nos ajuda a pensar como essa aproximação do cinema com a filosofia poderia ser proveitosa para a prática do ensino. Se, segundo ele, o cinema dá origem e é capaz de pensamento, o que nos impediria de fazer dele uma metodologia para a discussão filosófica? A experiência do cinema transporta o espectador para fora, é subversiva, obriga-o a ter pensamentos e reflexões, até mesmo de forma involuntária, sobre diversos aspectos tratados dentro da obra. E não é isso que a filosofia e a atividade filosófica propõem? Esta experiência subversiva pode trazer para dentro da sala de aula um novo olhar sobre a filosofia encontrada nos filmes.

Outro autor que vai pensar nesta relação entre a filosofia e cinema é o filósofo argentino Julio Cabrera. Ele vai trabalhar a questão da filosofia através do cinema, fazendo um contraste entre o modo “padrão” de se fazer filosofia –através de textos e ensaios – e a prática filosófica através da cinematografia. O pensamento de Cabrera é importante para nossa discussão, pois nos ajuda a pensar, e repensar, como se fazer filosofia, principalmente nos dias de hoje, além de que o autor traz elementos e conceitos que nos ajudam a pensar e identificar “onde” e “como” a prática do ensino através da cinematografia é possível. O autor apresenta um argumento importante para a nossa questão: “[...] a filosofia, quando manifesta seu interesse pela busca da verdade, não deveria apoiar

¹¹ STAM, Robert. “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”. In: *Revista Ilha do Desterro*, n. 51. jul-dez 2006, p. 19-53.



a indagação acerca de si mesma, na sua própria tradição, [...] mas inserir-se na totalidade da cultura” (CABRERA, 2012, p. 15)¹². É importante falarmos sobre a necessidade de a filosofia se inserir na cultura e nos recursos contemporâneos, especialmente no que se refere ao modo de se fazer filosofia na escola. O cinema é um dos maiores elementos culturais que existem hoje. Desde obras cinematográficas cheias de clichês irrealistas até obras de cunho extremamente realista, vão provocar algum tipo de reflexão no seu espectador; a filosofia e o fazer filosófico podem ser explorados aí. É importante ressaltar, no entanto, que o recurso literário sempre vai estar presente, o uso de textos sempre é necessário, porém é importante pensarmos em novas maneiras de se abordar o ensino filosófico, principalmente na sua prática dentro da sala de aula.

Segundo Cabrera, o cinema traz um elemento chamado “conceito-imagem” que, assim como vários elementos dentro da filosofia, não vai ter uma resposta definitiva e concreta sobre o que de fato ele é. É algo que vai surgir a partir do impacto causado pela experiência que o filme vai proporcionar: “[...] não se trata de um conceito externo, de referência exterior a algo, mas de uma linguagem instauradora que precisa passar por uma experiência para ser plenamente consolidada[...]” (CABRERA, 2012, p. 20)¹³. O conceito-imagem irá surgir a partir de uma “experiência logopática” ao se assistir a um filme; ele é aquilo que vai ser o objeto de estudo e reflexão encontrado dentro da obra.

O saber “logopático” que a experiência do cinema vai proporcionar, segundo Cabrera, é caracterizado por um “deixar-se afetar” pela própria experiência. Não é simplesmente recolher informações, mas se deixar ser tocado pessoalmente e emocionalmente pela própria experiência enquanto ela acontece. O que podemos entender com isto é que o cinema deve ser levado em conta não somente no seu caráter superficial e imediato, mas que deve ser valorizado como uma experiência vívida a ser refletida e analisada. Poderíamos dizer que, neste caso, a atividade filosófica através da cinematografia se mostra de uma forma subjetiva, no que se refere aos seus aspectos mais intrínsecos e emocionais. Porém, isto não significa que uma obra, ao ser debatida e analisada por muitos, não se torne um objeto de estudo cheio de ramificações e interpretações, assim como muitos temas filosóficos que foram, e continuam sendo, debatidos.

Para entendermos melhor como se caracterizam os conceitos-imagem a partir da experiência logopática, Piasecki afirma que:

[...] os conceitos-imagem, portanto, referem-se a uma experiência logopática do cinema, em que o aspecto emocional (pática) e racional (logos) encontram-se para produzir no espectador uma experiência emocional e reflexiva. Pois não basta se apropriar de um problema filosófico, mas também é preciso vivenciá-lo, senti-lo,

¹² CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.

¹³ CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.



para que se possa compreendê-lo melhor. [...] é a articulação entre o emocional e o racional para o fazer filosófico. [...] (PIASECKI, 2016, p. 77)¹⁴

Mais uma vez, poderíamos identificar elementos da “sensibilização” proposta por Silvio Gallo. A filosofia através da cinematografia possui uma relação muito forte com essa perspectiva de ensino que propõe uma fase de sensibilização. Porém, ainda que os elementos se aproximem e possuam uma função parecida, Cabrera não propõe a chamada sensibilização que já nos foi apresentada como método didático proposta por Gallo. Em vez disto, propõe a experiência logopática. Nesta, cada espectador vai sentir, interpretar, refletir e problematizar uma mesma obra de maneiras diferentes, além de que vai estar profundamente imerso na obra que está assistindo, o que vai permitir um impacto emocional muito mais forte. Para Cabrera, a relação entre espectador e obra deve ser logopática, deve abarcar os aspectos páticos (emocionais) e lógicos (racionais). Só assim vai ser possível entender realmente o que a obra quer dizer e quais elementos podem ser usados para um desenvolvimento filosófico a partir da obra, assim como estimular uma reflexão para além do que realmente a mesma se trata.

É importante ressaltarmos o fato de que Cabrera afirma que os conceitos-imagens não são exclusivos do cinema. Eles também podem ser encontrados e utilizados na literatura. Porém, o autor aponta e defende as diferentes características entre eles e o porquê do uso de filmes para se fazer filosofia: “O que distingue os conceitos-imagem do cinema dos conceitos-imagem da literatura ou da filosofia é uma diferença técnica e não estritamente de natureza” (CABRERA, 2012 p. 26)¹⁵. Apontando qual seria o diferencial técnico que o cinema iria trazer em relação à logopatia, que claramente também pode ser transmitida pela literatura, o autor afirma:

[...]O que o cinema proporciona é uma espécie de “superpotencialização” das possibilidades conceituais da literatura ao conseguir intensificar de forma colossal a “impressão de realidade” e, portanto, a instauração da experiência indispensável ao desenvolvimento do conceito, com o conseqüente aumento do impacto emocional que o caracteriza. [...] A literatura proporciona elementos para um filme, uma espécie de cinema privado, que está na sensibilidade de quem lê. O cinema apresenta, de forma peculiarmente “impositiva”, tudo (ou quase tudo?) o que a literatura só induz. [...] (CABRERA, 2012, p. 26)¹⁶

Entendemos aqui que o grande diferencial é o aspecto concreto e visível que a cinematografia vai proporcionar. Fazer uso do visual ajuda a obra a se tornar mais impactante e direta, coisa que pode ser mais difícil de se atingir somente a partir de uma abstração proposta pela

¹⁴ PIASECKI, D.D. “Filosofar com cinema”. In: *Revista digital de ensino de filosofia*. Santa Maria, v. 2, n. 2, jul./dez., 2016, p.70-83.

¹⁵ CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.

¹⁶ CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. [S.l.]: Editora Rocco, 2012.



leitura. Elementos como a passagem do tempo podem ser notados visivelmente pela mudança de características físicas no personagem. Quando o personagem que antes possuía cabelo escuro aparece com cabelos grisalhos e rugas na pele, fica óbvia a passagem do tempo, além do que o comportamento de determinado personagem pode silenciosamente demonstrar características essenciais para se entender do que se trata a obra. Estes são bons exemplos do impacto imediato causado pela cinematografia.

O ponto para o qual queremos chamar atenção é o fato de a cinematografia permitir uma maior e mais direta imersão do aluno no tema filosófico proposto. Exibindo um filme ou uma série com determinado tema, o aluno conseguirá visualizar de modo mais rápido e direto os problemas propostos dentro da obra. A cinematografia também vai permitir de algum modo um primeiro passo para um autoconhecimento. Ao assistir a uma obra que aborda problemas e discussões pessoais, o espectador – neste caso o aluno – pode de algum modo se enxergar dentro da obra. Para exemplificarmos isso, citamos o fato de que muitos filmes e séries abordam a questão da sexualidade de seus protagonistas. Ao assistir a uma obra deste cunho, talvez seja possível um autorreconhecimento por parte do espectador. Quando a obra aborda diretamente a questão e apresenta também de forma direta o personagem lidando com várias situações, ela permite ao espectador “colocar-se no lugar” daquele personagem, e talvez o faça começar uma reflexão sobre si mesmo. Outro exemplo é a questão de muitas obras cinematográficas abordarem grandes e pequenos problemas sociais, problemas reais que talvez o espectador não tenha noção de quão grande e próximos da sua realidade estejam.

Análise de algumas Obras

Analisaremos aqui algumas produções populares e de acesso nos serviços de *streaming* que poderiam ser utilizadas em uma aula de Filosofia. Não somente filmes, também as séries podem ser levadas em grande consideração quando falamos de um ensino através da cinematografia. Além disso, mostraremos como se daria uma aula fazendo uso do recurso cinematográfico na prática, dentro da sala de aula. É importante ressaltar que as obras aqui analisadas são somente exemplos de possibilidades. Acreditamos que, se for bem analisada e bem trabalhada, qualquer obra de produção cinematográfica poderia vir a ser usada para o estudo filosófico. Às vezes um personagem, ou somente uma cena, pode oferecer e permitir uma reflexão sobre algum tema importante para a discussão proposta. Além de que, diversas obras podem abordar diversas temáticas, como as da área da Sociologia ou da História. Em um ensino interdisciplinar, é necessária a organização dos professores entre si para discutirem e decidirem qual obra usar e como abordar as suas respectivas temáticas, além da necessidade de levar em conta o tempo e os materiais ou recursos disponíveis.



É importante e necessário ressaltar a importância de que a obra seja estudada a fundo e de que haja intervenções filosóficas por parte do professor, para que ela não seja tomada como um momento de lazer ou para que algum aspecto importante passe despercebido. O que queremos dizer é que deve haver um cuidado e atenção especial ao fato de que muitas das vezes os alunos podem confundir o ensino através de produções audiovisuais com um momento de lazer ou diversão. Cabe ao professor deixar claro que esta atividade é aula, e que é o objeto de estudo a ser tratado e debatido.

A primeira obra cinematográfica que iremos tratar aqui é a série de TV da NBC, “The Good Place” (“O bom lugar”, em tradução literal). Distribuída mundialmente pela plataforma de streaming Netflix, “The good place” é um exemplo de como a filosofia pode estar presente em diversas áreas do entretenimento, inclusive na comédia. A trama da série gira em torno da personagem Eleanor Shellstrop e sua ida por engano ao “bom lugar” (que poderíamos entender como paraíso) após a morte. A personagem descobre que está no “bom lugar” por engano, visto que todos os outros residentes do lugar foram pessoas moralmente exemplares e boas durante suas vidas na Terra, enquanto ela mesma não foi uma pessoa muito ética e altruísta. Na verdade, fica claro que ela foi bem o oposto disso. No “bom lugar”, cada pessoa conhece sua “alma gêmea” e a da protagonista (Eleanor) é Chidi Anagonye, que é nada menos que um professor de filosofia com formação em ética e com uma grande admiração por Kant. Ao perceber que está no “bom lugar” por engano e que sua alma gêmea é um professor, Eleanor pede para que Chidi a ensine sobre ética e moral. Ela acredita que, dessa maneira, conseguiria se encaixar no “bom lugar”, cheio de pessoas com estas atribuições.

O enredo da trama é recheado de momentos em que o personagem Chidi está ensinando a Eleanor como agir moralmente. Há cenas de momentos de aulas propriamente ditas sendo ministradas pelo personagem. São feitas citações de teorias e linhas de pensamento de grandes filósofos como Aristóteles, Hume e Kant constantemente, além de abordar diretamente discussões sobre utilitarismo, imperativo categórico, dilema do bonde entre outros. Esta obra poderia facilmente ser utilizada no contexto da sala de aula. Os episódios são curtos, com no máximo 30 minutos, e possuem um formato de comédia, no qual os alunos poderiam se entreter ao mesmo tempo em que o professor fizesse observações e chamasse atenção para a filosofia ali presente. Uma boa cena para exemplificarmos como se daria a aplicação da série em sala de aula seria a do dilema do bonde:

Eis o dilema básico: um trem está correndo pelos trilhos e está fora de controle. Se continuar em seu curso e não for desviado, ele passará por cima de cinco pessoas que foram amarradas aos trilhos. Você tem a chance de desviá-lo para outra pista simplesmente puxando uma alavanca. Se você fizer isso, no entanto, o trem vai matar um homem que por acaso está parado nesta outra pista. O que você deveria fazer? (DILEMA do trem, 2019.)¹⁷

¹⁷ DILEMA do trem. *Filosofia na escola*. <https://filosofianaescola.com/moral/dilema-do-trem/>. (último acesso CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880)

Na série, o episódio chamado "o dilema do bonde" consiste no personagem de Chidi apresentando para os demais personagens o dilema do bonde e suas várias diversificações. Os personagens dão as mais diversas respostas para o dilema e refletem sobre como lidar com a situação hipotética. Com a cena do dilema em prática, é possível ver as mais diversas reações para o problema proposto, e isso pode ser um grande aliado ao fazer filosófico dentro de sala de aula. Como parte de uma introdução ao utilitarismo, seria interessante mostrar os personagens em cena, tendo que decidir o que fazer na situação conflitante que o dilema propõe. Os alunos poderiam ver de forma direta as mais diversas respostas para o problema do dilema e, a partir de aí, refletirem sobre qual decisão acreditam ser a ideal, além de serem expostos aos diferentes pontos de vista que diferentes teorias morais vão apresentar. Tudo isso precisaria ser muito bem estruturado e planejado pelo professor, levando em conta seu tempo e a realidade de sua jornada de trabalho, de modo que pudesse aprofundar o máximo possível uma verdadeira "experiência logopática" da questão moral envolvida. A partir desse ponto, o aluno estaria pronto para compreender as demais implicações da questão abordada.

Outra obra que podemos citar aqui como de possível para aplicação em sala de aula seria o filme "Jogos Vorazes". É uma obra distópica que foi adaptada para os cinemas em 2012, baseada na série de livros escritos por Suzanne Collins "The Hunger Games" ("Jogos Vorazes", em tradução literal). A obra cinematográfica conta com um enredo de grande teor político e social, com analogias a formas de governo e à luta de classes. Além de que é importante chamarmos a atenção para o fato de que a criadora do universo de "Jogos Vorazes" se baseou nos contratualistas John Locke, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau ao criar este universo distópico e deixou isto claro ao citar os três pensadores no prólogo de seu último livro do mesmo universo "*The ballad of songbirds and snakes*" ("A cantiga dos pássaros e das serpentes", em tradução literal, COLLINS, 2020, p. 8)¹⁸. A trama de "Jogos Vorazes" se passa em uma nação chamada Panem, distribuída em 12 distritos. Panem é liderada por um governo repressivo e autoritário, no qual os distritos vivem em função da Capital que os governa. Para evitar que aconteçam rebeliões, como aconteceram no passado e como política de punição, o governo da Capital realiza todos os anos os "Jogos Vorazes". Nesses jogos, um menino e uma menina de cada um dos 12 distritos são sorteados e levados a uma arena, controlada parcialmente pela Capital, para se tornarem "tributos" e lutarem até que sobreviva apenas um. Ao vencer, o sobrevivente terá uma vida de fortuna e glória, levando consigo até o fim de sua vida o título de vencedor dos Jogos Vorazes.

A personagem principal do filme, Katniss Everdeen, de 16 anos, vive no distrito 12, o mais

em 11/07/2022.)

¹⁸ COLLINS, Suzanne. *The Ballad of Songbirds and Snakes*. [S.l.]: Scholastic, 2020.



pobre de Panem. Ela se voluntaria para participar dos jogos no lugar de sua irmã de 12 anos que havia sido sorteada. A trama gira em torno da sobrevivência de Katniss na arena de jogo, onde a selvageria se torna o normal. Na arena só existe uma lei: sobreviver. Essa sobrevivência é um dos aspectos que podem ser explorados na discussão filosófica dentro da sala de aula, pois possui um teor político-filosófico muito importante para o estudo acerca da natureza humana. Segundo Larissa Aguiar:

[...] a sobrevivência obriga os 24 seres humanos ali colocados a recorrerem a tudo que lhes for necessário para atingir seu objetivo. O egoísmo ultrapassa, muitas vezes, todos os outros valores e princípios, e a selvageria total toma conta do espetáculo. A própria Arena é um lembrete do estado de natureza hobbesiano dos indivíduos e, para além disso, um lembrete para os cidadãos de Panem de que, sem o controle estatal, sua realidade diária seria visceral e cruel[...]. (AGUIAR, no prelo)¹⁹.

É possível fazer uma análise de como é o comportamento dos 24 tributos dentro da arena e como o governo impõe seu poder de uma forma tão cruel ao assistir a esse filme. Ao verem de forma tão direta todos estes aspectos e características da forma de governo ou do instinto de sobrevivência dos personagens, acreditamos ser possível que os alunos sintam o impacto de forma mais clara sobre a questão política sendo abordada em sala de aula. Análises de ações e reações dos personagens podem proporcionar ao aluno um maior entendimento sobre aspectos do estudo sobre a natureza humana. Sem deixar nas entrelinhas, a obra mostra diretamente o quanto um governo autoritário tem poder sobre a população e como o ser humano pode chegar a tomar decisões que antes eram impossíveis de serem tomadas para sobreviver. Com interferências por parte do professor e incentivando uma reflexão crítica sobre esta obra, “Jogos Vorazes” se mostra como um grande aliado para um ensino filosófico e político através da cinematografia. Desde que muito bem planejado e estruturado.

Considerações finais

Pensar o ensino de Filosofia a partir da imagem-movimento que Deleuze, Julio Cabrera e até Platão de alguma forma “reconhece”, mostra que a proposta de um ensino de filosofia através da cinematografia pode ser pensada e levada em conta. Aplicando e levado em conta as considerações sobre como se encontra o ensino atualmente de filosofia no Ensino Médio brasileiro e feita a abordagem sobre o método didático de Silvio Gallo, focando principalmente na etapa da sensibilização. Um ensino a partir de imagens e do universo cinematográfico, com séries e filmes, que os próprios alunos já têm uma familiaridade, pode proporcionar um ensino subversivo e mais próximo da realidade dos alunos, fazendo-os se inserirem nas discussões e temas filosóficos

¹⁹ AGUIAR, Larissa. “O simbolismo político de ‘Jogos Vorazes’ e os protestos da juventude tailandesa”. In: *HemisféRIos: Revista acadêmica de Relações Internacionais*, Minas Gerais. No prelo.



propostos de uma forma mais rápida.

Com os exemplos de obras apontadas e a discussão acerca do Ensino de Filosofia proposto na nova BNCC, esperamos que tenhamos conseguido deixar clara a proposta de um Ensino de Filosofia através da cinematografia, levando em conta aspectos de metodologias que já foram pensadas e debatidas por estudiosos da temática. Ao trabalhar com filmes ou séries, é importante reiterarmos o fato de que não se trata de um simples momento de entretenimento ou diversão, mas que, além disto, trata-se de “fazer filosofia” com um componente cultural de tamanha relevância. O papel do professor é essencial. Estudar as obras, refletir sobre os aspectos filosóficos e conceitos que podem ser encontrados dentro de uma obra audiovisual é o que vai fazer a prática de um ensino através da cinematografia algo válido e efetivo. Portanto, esperamos que este trabalho consiga conversar diretamente com todos aqueles que se interessam pelo ensino de Filosofia a partir de novas metodologias e de diferentes recursos. A filosofia está sempre presente em diferentes áreas, e está na hora de usarmos isto a nosso favor.

Sendo assim, chamamos também atenção ao fato de que a proposta aqui apresentada não é um meio de “se livrar” do fazer filosófico como já conhecemos. Antes disso, pensamos a proposta como um “adicional” ao fazer filosófico dentro da sala de aula, levando em conta justamente as possibilidades que estão presentes na previsão da BNCC. Utilizar recursos cinematográficos, a arte cinematográfica, é mostrar como a Filosofia pode ser encontrada nos mais diversos espaços, inclusive no do entretenimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Larissa. “O simbolismo político de ‘Jogos Vorazes’ e os protestos da juventude tailandesa”. In: **HemisféRIOS: Revista acadêmica de Relações Internacionais**, Minas Gerais. No prelo.

ANPOF. GT Filosofar e Ensinar a Filosofar. **Sem filosofia não tem base**. [https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%20CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%20CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf) último acesso em (26/05/2022.)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades> último acesso em (17/05/2022)

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. São Paulo: Editora Rocco, 2012.

COLLINS, Suzanne. **The Ballad of Songbirds and Snakes**. [S.l.]: Scholastic, 2020.

DILEMA do trem. **Filosofia na escola**. <https://filosofianaescola.com/moral/dilema-do-trem/>. (último acesso em 11/07/2022.)



FALZON, Christopher. **Philosophy goes to the movies: An introduction to philosophy**. [S.l.]: Routledge, 2002.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012, p. 96.

MORALES, Juliana. **Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios**. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/> último acesso em (12/07/2022)

OLIVEIRA, A. S; JARDIM, A. F. C. “O Cinema como metodologia para uma prática de ensino de filosofia”. In: **Poiésis: Revista de Filosofia**. Montes Claros: v.18, n.1, 2019, p. 17-31.

PIASECKI, D.D. “Filosofar com cinema”. In: **Revista digital de ensino de filosofia**. Santa Maria, v. 2, n. 2, jul./dez., 2016, p.70-83.

SARDEIRO, L. A.; LOPES, A. A. L. “Filosofia ou História da Filosofia? Sobre a tarefa de um professor. In: ALMEIDA, A. C.S; FERRASA, I. A. C; SARDEIRO, L. A. (org.). **Laboratório do Ensino de Filosofia: ressignificando práticas**. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2021, p. 13-26.

STAM, Robert. “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”. In: **Revista Ilha do Desterro**, n. 51. jul-dez 2006, p. 19-53.

THE HUNGER Games. Direção: Gary Ross. Produção: Nina Jacobson e Jon Kilik. Vancouver: Lions Gate Entertainment, 2012. 1 DVD (145 min), son., color.,

THE GOOD Place. Criação: Michael Schur. Estados Unidos: NBC, 2017. Vídeo (22 min), son., color.